

CARTA ABERTA DOS ÍNDIOS AOS PARTICIPANTES DO SEMINÁRIO-CONSULTA

Nós índios participantes do Seminário - Consulta sobre o Carajás, queremos vir a público para externar alguns sentimentos que temos guardados e que nem sempre podemos expressar.

Gostaríamos, em primeiro lugar, de manifestar a nossa satisfação em ter tido a oportunidade de participar desse seminário juntamente com representantes de organismos, entidades, governos, universidades, sindicatos, etc. Evidentemente, teríamos gostado de ter tido uma maior possibilidade de expor a triste situação em que vivem os nossos parentes índios no Maranhão e no Brasil, mas na sua sociedade o tempo tem outro valor... E por isso estamos fazendo um grande esforço para compreender e aceitar essa forma diferente de ser.

Gostaríamos, entretanto, que a compreensão que nós procuramos ter para com vocês existisse da mesma forma por parte da sua sociedade para conosco. De fato, muitas pessoas, que parecem até bem intencionadas, afirmam justamente que nós indígenas temos uma forma própria e específica de nos relacionar entre nós, com a natureza, com Deus, com a terra e com bichos, mas esquecem tudo isso na hora em que seus interesses econômicos são ameaçados ou quando os nossos direitos parecem limitar a sua ambição e ganância.

Hoje no nosso País, em nome do progresso, dos planos econômicos, da segurança nacional, da paz e igualdade sociais, justifica-se o assalto, o esbulho e invasão das áreas indígenas, lá onde estão demarcadas e, onde isso ainda não ocorreu, pressiona-se pela sua drástica redução.

Grandes e pequenos acusam-nos de latifundiários, pois teríamos terra em abundância e seríamos incapazes de explorá-la "adequadamente", como eles sabem fazer...

O resultado está aí na nossa frente: dos dois milhões de hectares, aproximadamente, que somam as áreas indígenas, cerca de 250.000 hectares estão ocupados e explorados "adequadamente" por fazendeiros, lavradores, madeireiros e outros, e mais de 100.000 hectares destruídos pelo fogo e o desmatamento irracional.

A nós 14.300 índios, dos povos Guajajara, Guajá, Kaapor, Gavião, Canela e Krikati, cabem pouco mais que 100 hectares para cada um. Lamentamos que o Governo Federal, apesar dos graves conflitos ocorridos recentemente aqui no Maranhão para que não se permitisse a demarcação da área indígena Krikati e Awá do povo Guajá e o despejo dos invasores de várias áreas indígenas, não tenha tomado nenhuma definição que venha salvaguardar os nossos direitos históricos.

O próprio Governo Estadual, na pessoa da governadora Roseana Sarney, vem propondo sistematicamente a redução da área indígena Krikati contrariando frontalmente as determinações ministeriais. Prefeituras, políticos e gangues de estelionatários vêm planejando, incentivando e apoiando descaradamente um número sempre maior de lavradores sem consciência, fazendeiros e aproveitadores a invadirem nossas terras e florestas para explorar suas já reduzidas riquezas naturais.

Não queremos nos considerar e passar como as únicas vítimas desse progresso desigual, pois existem outros sofredores como nós no Maranhão, mas queremos que nos ajudem a proteger os nossos territórios porque só assim estaremos salvaguardando nossa cultura e nossa vida.

Acreditamos que no Maranhão têm espaço e chance para todos, mas é preciso que os nossos direitos e os direitos dos mais fracos sejam respeitados urgentemente.

Progresso não significa somente tecnologia avançada, mas também formas de convivência avançada, isto é, maior respeito e participação. Embora estejamos longe de conseguirmos isso, queremos acreditar que é ainda possível construir uma sociedade onde nós índios podemos nos relacionar com vocês, em pé de igualdade, sem deixar de ser nós mesmos.

São Luis, 06 de maio de 1995.

Francisco Viana Guajajara
Cipriano Viana Guajajara
Francisco Carajim I. Guajajara.

